

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
14 de Março de 2024  
COM A LINHA DE SOMBRA

**WATASHI GA SUTETA ONNA / 1969**  
**A Mulher que Eu Abandonei**

*Um filme de Kirio Urayama*

*Argumento:* Hosashi Yamanouchi, baseado no romance epónimo de Shusako Endo (1964) / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco e Fujicolor, formato 2x35): Shohei Ando / *Direção artística:* Yoshinaga Yoko / *Música:* Toshiro Mayuzumi / *Som:* Kenichi Benitaru / *Interpretação:* Choichiro Kawasaki (*Tsitomu*), Toshie Kobayashi (*Mitsu*), Ruriko Asaoka (*Mariko*), Chikako Natsumi (*Shimako*) e outros.

*Produção:* Nikkatsu / *Cópia:* digital (transcrita do original em 35 mm), versão original com legendas em português / *Duração:* 116 minutos / *Estreia mundial:* Japão, 3 de Setembro de 1969 / *Estreia em Portugal:* 3 de Novembro de 2022 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

**Sessão seguida de uma conversa com MIGUEL PATRÍCIO e JOSÉ ÁLVARES**

\*\*\*\*\*

Kirio Urayama (1930-85) é considerado um dos “cineastas esquecidos” da Nova Vaga japonesa dos anos 60 e no seu país recebeu a etiqueta de *cineasta dos pobres*. Pouco conhecido fora do Japão e pouco comentado mesmo pelos especialistas ocidentais e japoneses do cinema do seu país, foi companheiro de geração de Nagisa Oshima e Shohei Imamura, para citarmos dois nomes célebres e reconhecidos, que não ilustraram nenhum dos géneros praticados no cinema japonês, afirmando-se como individualidades, como era o caso dos representantes de todas as novas vagas dos anos 60, que recusavam os géneros e as narrativas tradicionais. Num dos seus ensaios, o conhecido crítico Tadao Sato nota que Urayama pertence à geração “*que acreditara firmemente na democracia do pós-guerra, mas foi traída por uma série de movimentos reacionários*”. Desenvolvendo esta ideia no *Dictionnaire du Cinéma Japonais en 101 Cinéastes* (2016), Pascal-Alex Vincent, define-o como “*um dos cineastas mais singulares dos anos 60, que pousou sobre as classes populares um olhar tão justo e caloroso que isto fez com que fosse rapidamente marginalizado e infelizmente a sua carreira não cumpriu as suas promessas. Urayama deu provas de notável integridade, filmando durante toda a vida o Japão dos marginais e desfavorecidos, longe do milagre económico dos anos 60*”.

O cinema japonês cedo foi organizado em moldes industriais e a sua estrutura de funcionamento pode ser comparada à de Hollywood, na medida em que realizadores, atores e técnicos costumavam fazer a totalidade das suas carreiras no mesmo estúdio (Yasujiro Ozu, por exemplo, ao longo de quarenta anos trabalhou exclusivamente para a Sochiku, à exceção do seu penúltimo filme). Assim sendo, Urayama entrou para os quadros da *major* Nikkatsu em 1954, no departamento de argumentistas, mas em muito pouco tempo optou por ser assistente de realização, para aprender o ofício e exerceu esta função no futuramente clássico **Porcos e Couraçados/Buta to Gunkan** de Imamura, que por sua vez colaborará no argumento do filme de estreia de Urayama, **Kupora Noarumachi/“A Cidade da Fundação de Aço”**, apresentado em competição no Festival de Cannes em 1962. Neste período, informa-nos Tadao Sato, a Nikkatsu especializou-se em “*violentos thrillers de ação*”, ou seja, num cinema que não interessava especialmente o realizador. Note-se que depois de **A Mulher que Eu Abandonei**, o seu terceiro filme, que a Nikkatsu relutou em distribuir e decidiu não exportar por considerá-lo “*demasiado deprimente*”, Urayama deixou a empresa e ficou

seis anos sem trabalhar. Realizou um total de nove filmes, o que é pouco no sistema de produção japonês e a sua carreira nos anos 70 “*é mais confusa do que nos 60, o que é um sinal de que a sua principal preocupação é trabalhar*”, observa Pascal-Alex Vincent. Num cinema tão denso e tão industrial como o japonês, uma figura dissonante tende a ser afogada a menos que os seus filmes tenham qualidades excepcionais.

**A Mulher que Eu Abandonei** adapta um romance do escritor católico Shusako Endo (que faz uma breve aparição no papel de um médico), cujo livro mais célebre, **Silêncio**, foi adaptado ao cinema, ao longo de meio século, por Masahiro Shinoda, João Mário Grilo e Martin Scorsese. Como diz João Botelho, os filmes são histórias e o cinema é o modo de as contar e, pelo menos para quem desconhece o livro que este filme adapta, é evidente que Urayama não quis contar esta história da maneira mais simples: recusa a linearidade narrativa e a homogeneidade visual, não sem alguma *naïveté*, pelo menos para quem descobre o filme algumas dezenas de anos depois da sua realização. **A Mulher que Eu Abandonei** é um ambicioso objeto cinematográfico, fortemente formalista, com uma profusão de opções – formato panorâmico, uso do preto e branco, da cor e de tintagens verdes ou sépia para os cinco flashbacks – que talvez contribua para tornar ligeira e talvez desnecessariamente confusa, mais do que complexa, uma trama narrativa cuja estrutura é singela: um homem pobre gosta de uma mulher da sua classe social, mas casa-se com outra por interesse profissional e ambição pessoal; depois de reencontrar a primeira e reatar a antiga relação é vítima de uma sórdida vingança. Por baixo da polidez que rege as relações profissionais, todas as relações entre os personagens são brutais e/ou interesseiras, por outras palavras, são disfuncionais, o que suscita um certo número de sequências em que os conflitos tornam-se eruptivos, talvez num eco aos conflitos sociais e políticos do Japão, ilustrados por uma breve reconstituição das grandes e violentas manifestações que tiveram lugar em 1960 contra a revisão do Tratado de Segurança com os Estados Unidos. O facto da protagonista feminina ser católica só é revelado no seu funeral, o que mostra que não tem nenhuma importância para o desenrolar da narrativa. Os últimos momentos do filme, que se passam na mente e na imaginação do protagonista, foram filmados a cor, sem dúvida para separá-los por completo das prosaicas relações entre os personagens ao longo do filme. O efeito é ambíguo, embora o plano final – um pôr-do-sol sobre o mar, com dois cavalos que parecem galopar sobre as águas – se fixe na retina do espectador.

Antonio Rodrigues